

A representação do homem do Nordeste no cordel

Linduarte Pereira Rodrigues

Rodrigo Nunes da Silva

Resumo: O cordel se mostra instrumento propagador de memórias e representações culturais, principalmente quando o cenário representado é o contexto nordestino. A linguagem trazida à tona por esta forma de expressão literária acaba por desenhar temas atrelados à cultura local, atualizando discursos/ideologias, além de se tornar um meio fundamental para a constituição da identidade do homem do Nordeste. Dessa forma, o trabalho destina-se a perscrutar folhetos produzidos na região Nordeste para identificar como o homem nordestino vem sendo figurativizado a partir de imagens evidenciadas no contexto ideológico dessa região. Apoiar-se em estudos realizados por Albuquerque Jr. (1999), Durand (2002), Hall (2005), Orlandi (1999), Nolasco (1997), Rodrigues (2006; 2011; 2014) entre outros; e demonstra que o homem representado nos cordéis é retratado como um ser bravo e rude, mas enaltecido e que ganha título de nobreza. Vê-se com regularidade um sujeito

Linduarte Pereira Rodrigues. Doutor em Linguística e professor do Departamento de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I - Campina Grande, PB. Membro dos Grupos de Pesquisa: Memória e imaginário das vozes e escrituras; Linguagem, interação, gêneros textuais e ou discursivos; Estudos em letramento, interação e trabalho; Teorias do sentido: discursos e significações. E-mail: linduartepr@gmail.com

Rodrigo Nunes da Silva. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I - Campina Grande, PB. Membro do Grupo de Pesquisa: Teorias do sentido: discursos e significações. E-mail: rodrygonunes22@gmail.com

religioso e valente frente aos fenômenos como a seca. Há nos folhetos examinados conteúdos disseminados que contribuem para construir e manter a identidade cultural da região Nordeste, além de ser fator de grande valia para se conhecer a história e a realidade de seu povo.

Palavras-chave: Memória e Representação. Folhetos de Cordel. Homem do Nordeste.

The representation of the Northeast man in cordel

Abstract: Cordel shows propagator instrument memory and cultural representation, especially when the scenario is represented the Northeastern context. The language brought by this form of literary expression just by drawing themes linked to the local culture, updating speeches / ideologies, as well as becoming a key medium for the formation of the identity of Northeast man. Thus, the work is intended to peer leaflets produced in the Northeast region to identify how man Northeastern has been figurativizado from images highlighted in the context of ideology in the region. It is based on studies conducted by Albuquerque Jr. (1999), Durand (2002), Hall (2005), Orlandi (1999), Nolasco (1997), Rodrigues (2006; 2011; 2014) among others; and shows that the man represented in the twine is portrayed as a brave and be rude, but praised and won peerage. He is seen regularly a subject religious and brave front to phenomena such as drought. There are in the leaflets examined disseminated contents that contribute to build and maintain the cultural identity of the Northeast region, besides being a great value to know the history and reality of its people.

Keywords: Memory and Representation. Folhetos de Cordel. Northeast Man.

Considerações iniciais

Na região Nordeste do Brasil, os folhetos de cordel encontram um local fértil de propagação, talvez pelo fato das condições histórico-culturais da região. Caracteriza-se como uma literatura de povos de uma cultura popular, que a utiliza como fonte de conhecimento, informação e ensino, constituindo-se genuína forma de expressão socio-cultural dos sujeitos que habitam a região. Diante disso, as histórias narradas nesse tipo de expressão popular acabam por revelar ideias estereotipadas do Nordeste (lugar repleto de problemas) e do homem que habita a região.

Além da materialidade textual e de sua função social linguístico-literária, encontramos na literatura de cordel a identidade de um povo (RODRIGUES, 2011) que através da linguagem, credices, humor, e da cultura em geral, demonstra os progressos e regressos que personalizam uma sociedade. Vê-se, assim, que o cordel manifesta a identidade sócio-histórico-cultural da região Nordeste do Brasil, constituindo-se e expressando-se por ideologias que atravessam o plano cultural daqueles que vivem e sabem, por experiência própria, o que é ser nordestino.

O cordel é um instrumento propagador de imagens, a partir de uma visão de mundo, real ou utópica, de realidades atualizadas de uma memória de tradição mediante o imaginário popular nordestino (RODRIGUES, 2011; 2014). A forma como o poeta popular enxerga suas ideias sobre religião, política e sobre a vida em geral é expressa e propagada nos/pelos cordéis. Dessa forma, nosso trabalho buscou fazer um estudo do discurso e memória do homem nordestino no cordel, para

percebermos quais visões de mundo e percepções de realidade são comumente representadas, especificamente no que se refere à imagem da figura masculina. Pretendeu-se demonstrar a forma como o homem é desenhado e configurado sócio-historicamente pela memória local. Utilizamos a literatura de cordel nordestina, por considerá-la expressão popular que permite o exame de representações de identidades, ideologias e imaginários que configuram o povo nordestino.

Nosso trabalho fundamentou-se nos estudos semântico-pragmáticos, na Análise do Discurso de linha francesa e nos estudos do imaginário, bem como da cultura popular nordestina. Partimos de leituras realizadas em Albuquerque Jr. (1999), Durand (2002), Hall (2005), Orlandi (1999), Nolasco (1997), Rodrigues (2006; 2011; 2014), entre outros, para realizarmos uma pesquisa bibliográfica de natureza descritiva e interpretativa, que se orienta por uma abordagem qualitativa. A seleção do *corpus* analisado, composto de cordéis produzidos no Nordeste, deu-se na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba.

Na literatura de cordel examinada encontramos uma representação de homem atrelada à memória coletiva do povo nordestino, a partir de histórias de vida como a de Lampião, entre tantos outros que revelam características próprias do patriarcalismo e do catolicismo popular.

I Ideologia, memória e imaginário popular

Para enveredarmos pelos sentidos deixados nas entrelinhas dos versos cordelísticos é preciso compreender as condições de produção em que os discursos são atualizados, levando em conta o conjunto de elementos linguísticos e socioculturais que fundamentam a formação

discursiva e identitária do sujeito do cordel, sua *performance* e o contexto em que atua. Encontramos nos folhetos de cordel produzidos no Nordeste do Brasil uma ideologia fortemente produtora de sentidos, geradora de identidades, o que é demonstrado pela característica própria de ver o mundo, de interagir com ele (RODRIGUES, 2011).

Para o desenvolvimento de nossos estudos, destacamos Bakhtin/Voloshinov (2004), para quem o signo verbal não pode ter um único sentido: vozes ecoam nas palavras e nelas coexistem aspectos ideológicos e sociais que aproximam presente e passado. Qualquer mudança social repercute imediatamente na língua e os sujeitos envolvidos inscrevem nas palavras essas mudanças sociais. As palavras, nesse sentido, funcionam como agentes da memória social, em que a língua irá refletir a realidade de um povo.

A memória também faz parte da atualização discursiva. Orlandi (1999, p.31) fala em memória discursiva¹ que, pensada em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso, ou seja, a relação que um discurso tem com outros discursos. A partir do viés da AD francesa, principalmente as ideias de Pêcheux (1999), evidencia-se o conceito de memória discursiva. Disso decorre que determinado enunciado é produzido por um sujeito a partir da relação deste discurso com outros dizeres já enunciados. O novo se apresentará na resignificação do já dito que se renovar.

Falar em memória requer perfazer a história deste termo, pelo fato de haver mudanças ao longo dos tempos que se adaptam as necessidades memoriais de diferentes culturas e sociedades. O viés mais prece-

1. Segundo Orlandi (1999, p.31), “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

dente utilizado em cada período foi marcado pelos saberes de um dado momento da história. À medida que a história avança, encontram-se novos mecanismos e formas de reflexão sobre memória. De uma sociedade de tradição oral, parte-se para uma sociedade que se apresenta cada vez mais complexa, caracterizada como disseminadora de uma memória através de imagens e textos.

De acordo com essa reflexão, faz-se necessário pensar em quem ou qual instituição dita o que seria memória. Seria recuperar do passado experiências e acontecimentos que marcaram determinado grupo? Será que esse passado não seria também eliminado pelos “esquecimentos” daquilo que não foi normatizado pelo grupo para ser lembrado? Por isso é importante perpassarmos pelo o que entendemos por memória coletiva e memória individual.

A memória individual do sujeito produtor de folhetos de feira acaba por revelar uma memória coletiva do povo do Nordeste. Enquanto seres históricos, como afirma Bakhtin/Voloshinov (2004, p.134), “não nascemos só como organismos biológicos abstratos”, mas também como um ser social. Podemos ter um saber ligado a memória que será propagada devido nossa interação com o outro em diversas esferas dos diferentes grupos com os quais interagimos.

Bakhtin/Voloshinov (2004) ainda comenta o fato de que aquilo que vemos seja governado pelo modo como vemos, sendo este determinado pelo lugar de onde vemos. Assim, compreendemos que nossa maneira de agir e relacionar-se no mundo muito diz sobre os valores apresentados pelo grupo ou culturas ao qual pertencemos. A memória dessa comunidade reforça o lugar de pertencimento do sujeito, gerando subsídios que deságuam numa identidade social e coletiva. A forma como nos vemos ou imaginamo-nos vem de uma memória coletiva que

é compartilhada nos diversos contextos, que vai além de aspectos históricos, perpassando aspectos semânticos e pragmáticos.

A linguagem é um elemento que se revela como sendo extremamente importante para a aquisição social da memória. Bakhtin/Voloshinov (2004) traz a ideia de dialogismo, em que a linguagem estabelece a relação entre os seres humanos, propiciando a experiência da interação. O conhecimento é adquirido a partir dessa interação do sujeito com o meio. Todas as atividades cognitivamente realizadas por este sujeito revelam processos de sua história social e acabam por desenvolver a constituição histórico-social do lugar ao qual pertence.

Dizer que o homem da região Nordeste possui determinadas características que o identificam como sendo daquele lugar, faz-nos instaurar sobre a relação entre memória e lugar, tornando-se um ponto significativo neste contexto. Não que povos nômades não tenham uma memória, mas é que o lugar que determinado sujeito habita acaba por moldar as condições de vida de um povo, a exemplo do povo nordestino que luta constantemente contra fenômenos naturais como a seca. E neste caso, ao se falar de homem do Nordeste, há uma imagem trazida à tona pelo imaginário local: homem sertanejo, de pele endurecida pelo sol escaldante (típico da região), montado em um cavalo (o tropeiro, o aboiador), que busca na terra e no gado o meio de subsistência, que sofre nas secas (fenômeno natural que tece em espinhosas caatingas uma imagem rude). Essa imagem significativa do homem do Nordeste é, obviamente, diferente daquela do homem que habita em capitais brasileiras.

Vê-se, assim, que o Nordeste, ao desenhar suas cenas de representação social, acaba por recorrer às tradições populares e ao imaginário local para reafirmar sua identidade cultural. Fato que reafirma a tradição

do cordel de textualizar, através de seus mais variados temas, representações do imaginário popular e da cultura do homem do Nordeste.

O imaginário popular de um povo, como o encontrado no interior do nordeste brasileiro, perpassa pelas vias transitórias da constituição de uma visão de mundo já arquitetada. Para Durand (2002, p.25), o imaginário é entendido como “uma rede de todas as imagens que estruturam os modos de viver (e de sonhar) do homem em sociedade”, ou seja, perpassar o âmbito do imaginário é compreender os indivíduos e sua cultura através da fé, manifestações religiosas e formas de viver em sociedade. Espaço dialógico em que entra em cena o símbolo e o imaginário, elementos de sentido que ocupam mais dimensão que a própria razão. Assim podemos falar de uma memória coletiva desenhada pelas representações de imagens (o imaginário) que possuem uma unidade de valor assumida pelo grupo social, este envolvido em produções de sentido locais que orientaram/orientam as estruturas imaginárias comuns em todas as sociedades.

2 Identidade, Nordeste e cordel

Falar de identidade não é algo fácil. Em plena modernidade, nunca se falou tanto de uma crise das identidades prefigurada pelos sujeitos considerados até então indivíduos unificados. O fato é que é perceptível que as identidades apresentadas pelas pessoas durante muito tempo começam a se configurar de formas diferentes, fazendo surgir novas identidades.

Hall (2005, p.13) em *A identidade cultural na pós-modernidade* apresenta três concepções sobre identidade, embora deixe claro que estas três concepções são, em alguma medida, simplificações, mas que

seriam de fundamental importância para o desenvolvimento de conteúdos para a temática. Para ele, “a identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”.

Na primeira concepção sobre identidade temos o sujeito do iluminismo, indivíduo individualista, centrado e dotado das capacidades da razão, descrito tipicamente como um sujeito masculino. A segunda concepção expõe o sujeito sociológico, que é formado na interação e relação com outras pessoas e com a sociedade em geral, ou seja, é aquele indivíduo que se encontra entre o mundo pessoal e o mundo público (HALL, 2005). Percebe-se atualmente uma crise/declínio da identidade desse sujeito, que não possui mais uma, mas várias identidades e isso faz com que apareça a terceira concepção de identidade relatada por Hall (2005), que é o sujeito pós-moderno.

Vemos que as sociedades estão em constantes mudanças e isso acarreta um espaço para se refletir sobre a própria vida em si, as identidades que a compõem, os papéis sociais dos sujeitos. A relação entre sujeito e a sociedade é um ponto importantíssimo para a construção da identidade de gênero. Tal identidade pode sofrer variação e ser afetada pelo sistema social vigente em que o indivíduo se insere.

Dessa forma, o sujeito pós-moderno é visto como uma figura discursiva, centrando-se em “concepções mutantes” do sujeito humano. Concepções mutantes para Hall (2005) diz respeito às transformações que o indivíduo humano sofreu até a pós-modernidade. Assim, percebe-se o surgimento de uma nova concepção de individualismo que remete aos primeiros tipos de sujeitos, no que concerne a sua identidade. O indivíduo humano é representado como sendo um sujeito de contradições, de

lutas com o próprio ser que, de alguma forma, quer a liberdade de um sistema em que ele não se encontra “identitariamente”.

Para Hall (2005, p.38),

A identidade é realmente formada, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.

Conforme estamos expondo, o modo como os outros nos veem, ou seja, o seu olhar para conosco é fator determinante para nossa própria construção e formação da identidade. Desde que nascemos começamos a nos relacionar com os sistemas simbólicos ao redor, que nos permitem adentrar noutros sistemas, sejam eles culturais, de diferença sexual, da própria língua, entre outros.

Nos últimos anos, muitas discussões têm sido levantadas sobre o conceito de masculinidade. Ao se falar da imagem masculina, o perfil feminino se mostra como fator determinante para construção de imagens de ambos os sexos. Badinter (1993, p.10-11) diz que “a masculinidade é um conceito relacional, pois só é definida com relação à feminilidade”. As mulheres estão cada vez mais ganhando espaço em atividades que antes pertencia exclusivamente ao campo social do homem. Dessa forma, compreendemos que só podemos entender o conceito de masculino mediante o entendimento do que seja o feminino, e por ser uma relação, quando o conceito de feminino se alterar, o conceito de masculino também irá mudar.

A identidade masculina quase sempre é representada através de estereótipos. Possenti (2009, p.156) argumenta que a identidade é social, imaginária e representada. Dessa forma, o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, o que o autor caracteriza como uma redução, ou seja, uma imagem supersimplificada ou convencional de uma pessoa, de um grupo ou de um assunto, definição dada amparado pelo *MacMillan Contemporary Dictionary*, que Possenti diz ser suficiente, embora relate que a identidade é uma representação imaginária, “não signifique necessariamente que não tenham amparo no real”.

O cordel se mostra como expressão popular rica para apresentar/representar questões da identidade, pois retoma discursos arraigados a cultura em que é vinculado, fazendo-se instrumento crucial para o entendimento de seu povo, que se constrói com base na tradição, valores e costumes que a identificam, mas ao mesmo tempo faz perceber estereótipos e preconceitos com relação aos sujeitos que se desviem do comportamento conservador de tradição discursiva patriarcalista.

O folheto de cordel tem seu marco pela divulgação de histórias tradicionais, as ditas novelas de cavalaria. Ao lado dessas novelas passou a surgir a difusão de fatos recentes, de acontecimentos sociais que iam adquirindo cada vez mais a fisionomia do povo e o seu gosto local. Remonta ao século XVI, quando o Renascimento popularizou a impressão de relatos orais e mantém uma forma literária popular no Brasil.

Como qualquer outra forma artística, o cordel é uma manifestação cultural do pensamento coletivo, que desenha o cenário das secas periódicas, provocando desequilíbrios econômicos e sociais, das lutas de família, dos cangaceiros, da organização da sociedade patriarcal, entre outros, na qual é marcante a contribuição de fatores de formação social.

Nossos estudos evidenciam que a literatura de cordel é uma das mais complexas manifestações culturais de nosso país. Toda forma de expressão literária possui seu valor, existindo exemplos de textos que trazem uma linguagem mais rebuscada ou popular, a exemplo do cordel, escrita vozeada, produto de uma tradição oral, forma complexa de se escrever e representar a linguagem de pessoas simples e não menos importantes para a cultura e a história nacionais.

O cordel funciona como instrumento propagador de imagens e sentidos, a partir de uma visão de mundo, real ou utópica, que se realiza socialmente mediante o imaginário local (RODRIGUES, 2011). Isso se evidencia na forma como o poeta popular enxerga e processa suas ideias sobre religião, política e sobre a vida.

Ao se ver sufocado por uma visão extremamente negativa, o nordestino parte em busca de uma identidade que valorize seu espaço. Segundo Albuquerque Junior (1999, p.77),

A procura por uma identidade regional nasce da reação a dois processos de universalização que se cruzam: a globalização do mundo pelas relações sociais e econômicas capitalistas, pelos fluxos culturais globais, provenientes da modernidade [...]. A identidade regional permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem sentido a existências cada vez mais sem significado. O Nordeste tradicional é um produto da modernidade.

O homem nordestino busca valorizar sua região e o cordel vem reforçar esta valorização com discursos de exaltação da terra natal, como em *O Nordeste é terra de cabra-macho*, de Carlinhos Cordel (s/l, s/d, p.1):

Vou falar do meu lugar
Terra de cabra da peste
Terra de homem valente
Do sertão e do agreste
Terra do mandacaru
Do nosso maracatu
Meu lugar é o nordeste

Meu Nordeste tem riquezas
Só encontradas aqui
Sua música, sua dança
Sua gente que sorri
Nosso povo tem bravura
Tem tradição, tem cultura
Da Bahia ao Piauí.

Há outros exemplos de folhetos que cantam os valores da região, chamando a atenção dos leitores para aspectos da variedade cultural e suas manifestações; o que dialoga com as ideias de início de construção de uma imagem de representação do Nordeste.

Os conteúdos disseminados contribuem para construir e manter a identidade cultural da região, além de ser fator de grande valia para se conhecer a história e a realidade de um grupo, denunciando seus juízos de valor. Segundo Laraia (1997, p.46), “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”.

O cordel vem apresentar este Nordeste tradicionalista e conservador, em que não só a seca, mas também os ricos, proprietários das

grandes fazendas, são postos numa visão dualista (pobres x ricos) como sendo os responsáveis pelos problemas existentes. Assim, viver significa acima de tudo ser forte, lutar, sofrer e esperar por dias melhores: escolha lexical que expressa muito bem a estrutura superficial/discursiva da bacia semântica de significações que os cordéis processam no plano de interação verbal nordestino. Como consequência dessa ideologia de crise social, o tema da religiosidade se mostra presente nessa literatura. Recorrer ao sagrado é, então, um fato, bem como aceitar o próprio destino, o castigo de Deus, o sofrimento. Assim, o povo procura a ajuda divina através da interseção de figuras messiânicas e dos santos católicos: formas de alívio da miséria e sofrimento experimentados pelo homem do Nordeste (RODRIGUES, 2006).

3 O homem do Nordeste: representação e imaginário

O homem do sertão nordestino carrega consigo características de ser “bravo e rude”, mas “respeitador”. É aquele que possui um elevado instinto sexual, não sendo “mole” para conquistar uma mulher, a não ser que ela seja “casada” ou “moça donzela”. É homem trabalhador que não tem “medo” ou “preguiça” de enfrentar qualquer que seja o “serviço”. É aquele que “domina bem uma espingarda” e “monta bem o cavalo”.

As características do homem nordestino apresentadas anteriormente foram evidenciadas por Pontes (1979), que relata em seu livro “Sertão Brabo” o que seria o código de honra do homem sertanejo:

Ser sertanejo é ter bom caráter, respeitar os direitos alheios, não levar desaforo para casa, atravessar rio cheio, não ser covarde, in-

grato ou falso, injusto ou pusilânime. É montar bem a cavalo, atirar pelo menos regularmente, pegar boi no mato, manejar uma enxada de três libras, uma foice ou um machado. Não seduzir moça donzela ou mulher casada, mas não ser mole, atributo incompatível com os princípios da honra do sertanejo. Saber enfrentar a própria natureza, as épocas caniculares, o sol causticante, a falta d'água, a ausência de chuva [...]. Sem essa coragem rústica, essa fibra que impressiona e anima, sem esses atributos, não poderá ser, jamais, um sertanejo autêntico (PONTES, 1979, p.23).

Os cordéis nordestinos trazem a representação da vida de homens valentes, que são enaltecidos e ganham títulos de herói, “pois suas façanhas são aumentadas e suas maldades suavizadas” (CAMPOS, 1977, p.11). Um exemplo é a figura de Lampião, considerado herói por alguns e “demônio” para outros. O poeta João Peron, no folheto *As ruindades que Lampião fez, sua vida e sua morte* (Santana do Cariri – CE, s/d, p.1), afirmar inclusive que

Essa geração mais nova
Não conheceu Lampião
Sempre foi trabalhador
Nunca foi de confusão
Como a morte do seu pai
Mudou seu coração

Manoel Monteiro (2012), entretanto, no folheto *LAMPIÃO: herói de meia tigela* apresenta outra representação do sujeito Lampião:

Todo cordel produzido
Com, ou sem inspiração,

Mostrando a VIDA e os CRIMES
Do facínora LAMPIÃO,
Não soube, ou fez-se esquecido,
Que só aplaude bandido
Quem admira ladrão.

Tem centenas de folhetos
Sobre a vida dessa escória,
Mas, se uns não dizem nada,
Outros lhes cobre de glória;
Sem pesquisa, se diluem,
E, em nada contribuem
Com subsídio pra a história.

Manoel Monteiro explica que o caminho mais fácil para um cordelista escrever com sucesso é “aplaudir cangaceiros e endeusar os ‘santos’ do Nordeste”. Para ele, isso seria compactuar com criminosos e imiscui-se a embusteiros baratos. Dessa forma, o poeta diz preferir “trilhar o caminho estreito da verdade” e expor uma crítica ferrenha a “figura asquerosa” do maléfico personagem Virgulino Ferreira da Silva, o conhecido Lampião.

Como observado, a literatura de cordel, ainda que vincule histórias fantasiosas, apresenta uma mesclagem de fatos baseados em episódios reais que alavancam valores ligados a uma concepção de mundo. A figura de Lampião já se serviu de muitas produções no cenário midiático ficcional (e não ficcional) do Nordeste, especialmente nos folhetos de cordel. A maioria em linguagem simples e bem humorada, características relevantes desse gênero textual.

São vários os exemplos de folhetos que atualizam a história de Lampião. A Capa do folheto de João Firmino Cabral, *Lampião herói ou bandido?*, ilustra essa recorrência temática:

Figura 1: Capa do cordel *Lampião herói ou bandido?*



Percebe-se que a figura de Lampião no cordel atualiza o mito do herói, imortalizando-se por suas façanhas, características fundamentais do imaginário popular que definem um ser de luz próprio do regime diurno da imagem (DURAND, 2002). Por outro lado, Lampião foi fortemente ligado ao cangaço. Albuquerque Junior (1999, p.61) elucida que o cangaço reforça a imagem do nordestino como um homem violento, que habita uma terra sem lei, submetido ao terror dos “bandidos e facínoras”. Assim, vemos transparecer valores ideológicos que nos

permite observar uma possibilidade de representação do modo de vida da região, muitas vezes generalizado pela mídia.

Nos folhetos de cordel comumente são encontradas representações de homens de fé, atreladas principalmente ao catolicismo popular. Padre Cícero e Frei Damião, embora não reconhecidos como santos pela igreja católica romana, são reverenciados por devotos do nordeste brasileiro e legitimados como santos pela igreja do povo, a qual é propagada em cordéis tais como o de Antonia Rodrigues (Fig. 2).

Figura 2: Capa do folheto *Padre Cícero um santo nordestino*



Para Campos (1977, p.29), “alguns poetas populares sertanejos demonstram perfeito conhecimento de trechos bíblicos sem serem protestantes, fato devido, talvez a leitura de catecismos, ou mesmo a pregação de missionários protestantes no sertão”. Por ser uma região fortemente conservadora e tradicionalmente católica, o ambiente sertanejo já foi palco de guerras religiosas. Missionários de igrejas protestantes eram enviados para o interior, com o intuito de pregar a palavra de Deus e ganhar novos adeptos.

Considerado povo de fé, o nordestino possui forte crença em seres sobrenaturais/divinos/malignos, destacam-se as figuras de Jesus/Cristo e do demônio/Satanás (observe fig. 3), este último muito citado nos folhetos de cordel examinados.

Figura 3: Capa do folheto *As prezepadas do Satanaz na Igreja*



No cordel em destaque, a imagem de satanás associada ao homem da região nordeste possibilita a representação do humano que possui características próprias do ser maligno. Um exemplo é a “esperteza”, “astúcia”, “o olho vivo”.

Mas nem sempre esse valor de sabedoria é signo de associação com o “maligno”. Encontra-se no meio popular do imaginário nordestino nuances disseminadoras da figura típica do homem que, sendo analfabeto, vale-se da “sabedoria” para “ganhar a vida”. Vê-se, assim, que ser esperto, na região nordeste, caracteriza-se como marca de identidade local: “o povo nordestino é um povo sabido”, “esperto”. Observe o que sugere Manoel Camilo dos Santos (s/d, s/l) em *O sabido sem estudos*:

É o caso que me refiro
De quem pretendo contar
A vida d’um homem pobre
Que mesmo sem estudar
Ganhou o nome de sábio
E por fim veio a enricar

Esse homem nunca achou
Nada que o enrascasse
Problema por mais difícil
Nem cilada que o pegasse
Quenguista que o iludisse
Questão qu’ele não ganhasse

Era um tipo baixo e grosso
Musculoso e carrancudo
Não conhecia uma letra

Porém sabia de tudo
O povo o denominou
O Sabido Sem Estudo...

Percebe-se que a “esperteza” se constrói a partir de reiteraões de um estereótipo específico desse homem, ratificando não apenas uma realidade aparente, mas servindo também de instrumento de denúncia para com o descaso dos meios de educação na região, por parte das autoridades governamentais.

Notadamente, o poeta popular se identifica com o homem “esperto” que figurativiza em sua obra. Reconstrução de uma identidade revelada nos mais variados discursos, em que arquétipos e símbolos universais assinam a figura de um homem “astuto” que se caracteriza como possuindo uma identidade de resistência, além de possuir outras marcas características que estão inseridas na cultura do Nordeste e que se fazem perceptíveis em imagens cristalizadas sobre a própria figura humana na região: imagens que configuram a memória social do homem do Nordeste.

A seca desenha no Nordeste, e no cordel, um cenário de destruição. Com a falta de água, a plantação não dá fruto, as sementes se esgotam, não há alimento. O poeta Assis Coimbra (2010) mostra esse retrato nos versos do folheto *Quando é seco meu sertão*:

Tudo se torna um tormento
Se não chove no sertão,
Secam açudes, riachos
Fazendo rachar o chão.

A lavoura não floresce,
E o nordestino padece,
Por falta de água e pão.

A estiagem é a representação do caos no mundo sertanejo, personificação do sentimento de “tormento”. A expressão “*fazendo o chão rachar*” revela um desenho de escritura da natureza de um momento de maldição. No consciente, na mente dos que sofrem com a seca, uma característica significativa é o retrato do fenômeno escassez. O chão seco faz a terra ficar improdutiva, pois água é sinônimo de vida, enquanto a falta desse elemento vital é sinônimo de morte. Há neste instante uma tensão dialética de sentido que significa pela aproximação de elementos contrários (água x seca; vida x morte). Se não tem água à lavoura não floresce, não há alimento para o homem e muito menos para os animais; não há vida.

Nosso estudo permitiu observar que as narrativas que compõem os cordéis que tematizam sobre o fenômeno da seca figuram como alimento para a alma de um homem que sofre e ao mesmo tempo precisa lutar contra o Sol para escapar deste fenômeno desolador. Diante disso, muitos mitos, imagens e arquétipos, com relação ao fenômeno da seca, são proliferados no imaginário do povo nordestino. A seca está intimamente relacionada com a religiosidade popular. Guedes (1991), em *O folclore e a seca*, destaca alguns ditos populares que ressaltam essa relação entre Criador x criatura: “a seca é um castigo para o povo que não tem mais fé”, “a seca só aparece quando o povo está pecando demais”, “a falta de merecimento traz a seca para o sertão”, “a seca vem para que o povo se lembre de Deus,” “o povo profana a Deus e a seca vem como castigo”.

O drama da seca não é um fenômeno debatido recentemente, mas há séculos, tornando-se um evento histórico na região nordeste do Brasil. Na caatinga, o chão rachado revela o triste destino do nordestino: saber (con)viver na seca. O povo, não encontrando saída e esperança de vida, desloca-se de seu local de origem para tentar uma vida melhor em outras partes do país. O retirante sente a tristeza do abandono de sua terra, demonstrando um apego grandioso com o lugar em que vive; cena arquitetada por uma tradição discursiva do cordel que faz eco com a conhecida pintura *Retirantes* de Candido Portinari (1944):

Figura 4: *Retirantes* (Portinari, 1944)



Como observado em nosso estudo, o cordel é espaço textual fértil, córrego torrencial de imaginação/criatividade em que ideologias se cruzam, discursos atravessam e a produção de sentido se torna possível para representar o homem do Nordeste: firme, forte, também sensível, pois legitimado pelo fôlego do humano.

Considerações finais

O exame do material coletado evidenciou uma ideologia fortemente marcada pela memória do homem do Nordeste, representação gerada a partir de uma identidade que demonstra a maneira própria dele enxergar o mundo, de interagir no mundo (RODRIGUES, 2011). A imagem do homem do Nordeste, expressa pela literatura de cordel examinada, é fortemente ligada ao conservadorismo, sendo atrelada ao discurso patriarcal e religioso, próprios do imaginário popular identificado nesta região do Brasil.

Diante disso, evidenciou-se que os poetas populares remontam em suas escrituras vozeadas (RODRIGUES, 2011) os discursos fundadores de uma visão de mundo que define o homem do Nordeste como sendo “os olhos de seu povo”. Neste sentido, o poeta popular se coloca como agente representante dessa memória social, ele refletirá a realidade de seu lugar.

Dessa forma, destacamos o cordel como material sociolinguístico e discursivo de uma memória de representação de sujeitos dotados de uma identidade social advinda do imaginário dos povos que compõem o DNA sociocultural da região, assim como no caso de estereótipos masculinos performatizados na materialização textual dos folhetos.

No exame do material selecionado, percebemos ainda a presença do discurso religioso, em que o homem se identifica como um sujeito católico: respeita os santos populares, mesmo sendo confundido, muitas vezes, com as características próprias do ser maligno. Destaca-se, ainda, a identidade de um sujeito que ama o lugar que vive, apesar de enfrentar as mazelas advindas de questões sociais e climáticas.

Diante dos dados apresentados, podemos considerar o cordel importante instrumento de representação e manutenção da memória popular, “revelando retratos” de uma região e de uma sociedade. Ele descreve, de maneira significativa, valores, crenças e costumes de um povo em contato com o meio social, a cultural regional e a história que dá coerência aos seus atos e o faz conhecedor das coisas de um mundo local chamado Nordeste brasileiro.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo; Recife: Autores Associados, Fundaj, 1999.
- BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- CABRAL, João Firmino. *Lampião herói ou bandido?* Sem local; sem data.
- COIMBRA, Assis. *Quando é seco meu sertão*. Sem local, 2010.
- CAMPOS, Renato Carneiros. *Ideologia dos poetas populares*. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; FUNARTE, 1977.
- CORDEL, Carlinhos. *O Nordeste é terra de cabra-macho*. Sem local; sem data.

- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3.ed. SP: Martins Fontes, 2002.
- GUEDES, Zezito. *O folclore e a seca*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MONTEIRO, Manoel. *Lampião: herói de meia tigela*. 3. ed. Campina Grande, PB, 2012.
- NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org). *Homens*. São Paulo, SENAC, 1997.
- PERON, João. *As ruindades que Lampião fez em vida e sua morte*. Santana do cariri, CE. Sem data.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michael. Papel da memória. In: ACHAD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.
- PONTES, Antônio Barroso. *Sertão Brabo: uso e costumes*. 2. ed. Secretaria da Educação e cultura do Estado da Paraíba. João Pessoa, PB. 1979.
- PONTUAL, José Pedro. *As prezepadas do Satanaz na Igreja*. Sem local; sem data.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.
- RODRIGUES, Antonia. *Padre Cícero um santo nordestino*. Ceará, 2012.
- RODRIGUES, Linduarte Pereira. *O apocalipse na literatura de cordel: uma abordagem semiótica*. João Pessoa: UFPB, 2006. (Dissertação de mestrado)
- RODRIGUES, Linduarte Pereira. *Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas*. João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)

RODRIGUES, Linduarte Pereira. Tríade arquetípica do feminino no imaginário religioso cristão: Eva, Maria e Madalena. In: SILVA, A.P.D.; SILVA T.V.; MORAIS, R.M. *Artimanhas do desejo: ensaios de literatura, psicologia, linguagens*. São Paulo: Scortecci, 2014.

SANTOS, Manoel Camilo dos. *O sabido sem estudos*. Sem local; sem data.